

**Anistiado político: ABRÃO MARCOS DA SILVA**

**Data de nascimento: 30/06/1948**

## **MILITÂNCIA POLÍTICA**

A militância política começou bem antes da minha entrada no partido, embora os fatos hoje estejam muito fragmentados na minha mente. Eu tenho, às vezes, mais lembranças intuitivas do peso que tiveram os fatos do que propriamente as datas. Mas eu me lembro de que, por volta de 1963, havia um burburinho muito grande e os diretórios acadêmicos, os centros acadêmicos discutiam muito política, e eu participava. Só que na época eu tinha posições antiesquerda. A partir do momento que houve o golpe, isso foi sofrendo uma transformação a partir de discussões que eu tive inclusive com pessoas que só depois de dois três anos que eu fui saber que pertenciam ao Partido Comunista Brasileiro. E essas discussões, à medida que elas foram crescendo, foram me convencendo. Naquela época se lia muito, havia uma preocupação política. Nós não tínhamos muito derivativos. Eu fiz o secundário no interior, e havia reunião do diretório acadêmico todo sábado, com discussões acaloradas, e nós tínhamos uma apreciação muito grande. Apesar de eu ter essa tendência direitista, tinha um apreço muito grande, um referencial, uma espécie de referência muito grande por figuras como Fidel Castro, o Che Guevara. À medida que a gente tinha que discutir, tinha que ler. E a conclusão que eu cheguei foi que a esquerda na época era apenas uma posição romântica ao se sentir, de certa forma, traída pela revolução burguesa quando ela ofereceu a fraternidade, a liberdade e a igualdade, e nós não tínhamos nada. Eu sentia que a esquerda tinha nascido disso, e que éramos todos ingênuos.

## **O GOLPE**

Com a evolução da situação houve o golpe, fechou tudo. Um dos meus amigos disse recentemente que a nossa revolta não foi política, ela foi cultural. Eu penso que teve muito a ver com a privação da liberdade que nós tivemos naquela época. Eu nasci em 1948 e posso dizer que sou da geração 60. Então, essa necessidade de liberdade era muito grande, e havia um senso objetivo de como consegui-la. Isso não estava ligado com o que tem acontecido muito hoje, não é no rumo de liberdade por drogas, sexo; enfim, não era isso. Nós tínhamos que pensar de maneira objetiva como se chegar a isso. Essa evolução foi se dando à medida que discussões aconteciam. Até que eu entrei na universidade, eu que antes discutia praticamente com o Geraldo Afonso e com o Washington, passei a discutir, também, com o Benito.

Em 1967, eu entrei formalmente no partido e comecei a participar da organização de base. Já que eu estava dentro da universidade, teria que funcionar politicamente dentro da universidade, que era onde as pessoas me conheciam, e onde já havia uma participação em diretório acadêmico. Em 1970, eu me tornei diretor do órgão de divulgação dos estudantes que era o “Esqueleto 21”, um jornalzinho do centro acadêmico, do diretório acadêmico da

faculdade. O partido queria que nós continuássemos participando de política de massas, tanto no que dissesse respeito à faculdade onde nós vivíamos praticamente, quanto na vida social, com a família e a comunidade. Essa era uma espécie de tendência que o partido tinha.

## **A RELAÇÃO ENTRE AS ESQUERDAS**

Talvez as pessoas que não tenham vivido a época não tenham ideia da efervescência que havia, porque não havia só uma diretriz política. Na época nós tínhamos discussões com os próprios setores da esquerda. Aqui em Goiânia havia uma participação maciça da universidade, da Ação Popular. O que acontecia? Havia discussões, e o pior insulto que alguém poderia dizer para qualquer militante é que ele era um pequeno burguês, que ele era um contrarrevolucionário, que era um revisionista. E esse tipo de coisa acontecia, e a gente não se entendia. O que aconteceu, pelo menos aqui, e que eu me lembro, foi - durante as discussões de montagem, não era de montagem do congresso, era montagem daquilo que Goiânia e Goiás pudessem contribuir para o congresso - uma série de estranhamentos ao longo e próximo ao congresso, que eu preferi me afastar. Eu senti que havia um predomínio da AP, e havia certas medidas impositivas que eram difíceis de serem aceitas. A gente tinha frequentemente discussões e críticas relacionadas com dificuldades existentes à época, principalmente entre o PCB, PCdoB e a AP aqui em Goiânia. Chegou um momento, pode se dizer, que eu me sentia meio marciano ali em meio àquelas discussões.

## **O PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO**

O PCB trabalhou arduamente na campanha que levou o PMDB àquela vitória maciça. Era uma orientação do partido, que eu considero absolutamente correta. Hoje pode não se ter lembrança disso, mas foi um dos movimentos mais formidáveis que partido organizou e que conseguiu uma vitória, não estou dizendo que tenha sido só isso, obviamente, mas o partido trabalhou muito. E era uma orientação que o partido não discutia. Houve um consenso, percebia-se que havia um consenso nas atitudes dos membros do partido que a gente conhecia. Eu considero corretíssimo. Acho que podemos ter cometido erros, e obviamente cometemos, mas não esse.

## **AI 5**

Até o AI5, a expectativa nossa era de que realmente aquilo que estava ali não duraria. Na minha cabeça isso acabaria em dois três anos, em cinco anos acabaria. O AI5, só tempos depois que nós percebemos - sentimos mais do que percebemos, não foi tanto a percepção intelectual - nós sentimos, por tudo que estava acontecendo, que aquela coisa tinha se incrustado, ela estava muito mais sólida: as restrições ganharam forças de status, a repressão ganhou essa força. Mas a percepção disso foi tempos depois. O sofrimento que veio foi algum

tempo depois. Num primeiro momento, eu sinto que houve certa perplexidade, nós não sabíamos o que esperar. Eu me lembro de que, eu particularmente, fiquei desorientado com isso, e com medo. Nós conseguimos vencer aquele primeiro momento de perplexidade, aquele primeiro sentimento de medo e em seguida voltamos à ação.

## **A SEGURANÇA NO PCB**

Voltamos à ação. Eu me lembro bem que tive alguns problemas relacionados com segurança. Eu sempre, por uma maneira de ser, eu tenho um certo grau de paranoia e ela cresceu muito depois da prisão, mas já existia no sentido de você estar tentando sempre se preservar, estar atento. E eu tive discussões com o partido por questões de segurança na época. Continuei militando, mas tentando reforçar a questão da segurança. Eu me lembro de que tivemos várias discussões por causa disso. A discussão era: dentro dessa situação, nós vamos continuar com mais cuidado e tentando ter mais segurança. Aliás, por causa dessa questão, eu acabei tendo uma discussão muito áspera e ficando fora do partido por pelo menos seis meses por causa disso. Eu deixei o partido por que eu estava sentindo que não tinha segurança, o partido não estava cuidando da segurança da gente.

Quando eu fui participar da assembleia que elegeu o Comitê Municipal... Eu insisti com as pessoas que eu conhecia, porque você sabe perfeitamente que, naquela situação em que vivíamos, quanto menos pessoas você conhecesse melhor. Houve muita gente que eu fui saber o nome, o nome verdadeiro, três anos depois; eu não sabia, eu sabia o nome de guerra. Então, o que acontece: como eu já tinha deixado o partido uma vez por causa de insegurança, exigi segurança máxima para a assembleia que elegeu os membros do Comitê Municipal - na época, eu fui eleito também. O que aconteceu: eu fui levado para a chácara em que o congresso foi realizado em um carro, um fusca, agachado no banco de traz e coberto com uma lona preta, à noite. Fui saber, dois anos depois que eu tinha sido preso, que eu fui o único elemento para o qual foi tomado esse tipo de medida. Isso me deixou muito chateado, muito magoado, inclusive com os membros do partido próximos a mim. Eu me senti muito... Enfim, mais uma vez enganado.

## **O ESQUELETO 21**

No esqueleto 21 que era o órgãozinho, um boletim, era um jornalzinho, nesse eu participei bastante e com dificuldade pelo seguinte: para ele ser um tabloide que tivesse material ele precisava ser maior. Ele saía com quatro páginas, no tamanho hoje desse jornal Daqui. O que acontece: a universidade não financiava isso por “n” motivos. Nós tínhamos que sair de firma em firma pedindo porque o diretório acadêmico não tinha dinheiro. O Diretório Acadêmico 21 de Abril não tinha dinheiro. Então, eu saí várias vezes com um grupo de pessoas, inclusive a Graça Brasil que era redatora, saíamos pedindo - eu me lembro de que tinha uma escola de inglês aqui, a Chicago que sempre contribuiu; alguns laboratórios que a gente conhecia os donos por causa da faculdade. Nós conseguimos financiar o jornal com muita dificuldade. Tinha firma que a hora que via que éramos estudantes, fechava a porta na cara da gente.

Principalmente quando sabia que éramos estudantes de esquerda por causa daquilo que o jornal publicava. Nós mantivemos um nível muito bom, digo muito bom no sentido de que as matérias eram interessantes e eram palatáveis. Mesmo naquela época, nós não tínhamos nenhuma formação em comunicação, pedíamos subsídios, havia muitos artigos; isso não existe mais. Para imprimir o jornal, nós conseguimos a gráfica do Sindimacro da época, ninguém mais quis imprimir aquilo não. Havia um rapaz, infelizmente não lembro o nome dele, que ajudou muito a gente; ele trabalhava na gráfica e tinha um especial empenho em fazer esse jornal para nós. A última edição dele não saiu, prenderam a gente e prenderam o pessoal dentro da gráfica. Ele durou cerca de um ano e meio mais ou menos, sendo editado todos os meses. Ele se ligava às questões políticas, inclusive das questões salariais da área da saúde. Esteve ao lado dos grevistas da área de cirurgia, dos residentes, o jornal participava disso. Na época eu guardava, sempre guardei, um exemplar das edições do jornal para ter documentação. Mas quando eu fui preso, a minha mãe ficou tão aterrorizada que pegou esses jornais, junto com os jornais Voz Operária, e queimou tudo com medo de a repressão ir lá e criar mais um problema. Eu não tenho, talvez existam por aí, mas eu não tenho nada disso mais. Quando o Decreto 477 me pegou, pegou também baseado na minha participação no jornal. E a reitoria via. O diretor da Faculdade de Medicina na época, o professor Luiz Rassi, nos pediu que não editássemos mais o jornal porque ele estava recebendo críticas, ele estava sendo chamado à responsabilidade, enfim... E nesse momento, dois colegas nosso que militavam na AP, o Valdir Camarcio que está no PT e o Ademar que deve estar em São Paulo, tinham sido presos pelo congresso de Ibiúna - nessa época nós recebemos essa ordem de não editar o jornal. Nós propusemos que o jornal não existiria mais como Esqueleto 21. Ele iria se chamar Esqueleto 19, e embaixo escreveríamos assim: faltam dois. Isso foi um horror! Transpirou, saiu, alguém levou essa informação para a direção, e nós fomos ameaçados: Não sai jornal nenhum, nem dezenove nem vinte e um. Aí o jornal acabou.

## **ATUAÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS**

Se comparar a atividade política que existia na Faculdade de Medicina com a atividade política que existia na Faculdade de Direito é obvio que a Faculdade de Medicina deixa muito a desejar. Nesse aspecto a participação, a militância é muitas vezes menor; e havia épocas que, por motivos que até hoje eu não sei a que atribuir, havia um volume maior de militância e participação. Mas havia uns temas que mobilizavam; por exemplo: Quando o Vitor de Assis Pacheco propôs a criação de uma central de medicamentos criada pelo Estado que produzisse medicamentos e fez toda aquela crítica de que as multinacionais estavam explorando o povo brasileiro, vendendo os remédios a custo muito alto. Isso mobilizou a faculdade de uma forma tal que foi um campo muito fértil para outras mobilizações, para aquilo que nós chamamos de conscientização, de estar esclarecendo outros fatos ligados àqueles mesmos tipos de acontecimentos. Então, ela vivia ondas, e é obvio que a participação não era maciça. Muitas das pessoas que abraçavam a ideia de esquerda e que faziam a campanha antigolpe de 64 eram mal vistas por muita gente. Digo entre os estudantes que diziam: não, a gente está aqui é para estudar, não é para se envolver em questões políticas. Isso era muito comum dentro da Faculdade de Medicina. Eu não sei dizer como se comportava a Faculdade de Engenharia; no Direito eu diria que 80% participavam e 20% não; na Medicina era o contrário, a participação se dava a uns 30% dos estudantes.

## RECLUSÃO

Em 1971 tem uma história muito interessante pelo seguinte, quando a gente começou a ter notícia de que os membros do partido começaram a cair nas mãos da repressão, um atrás do outro, o Geraldo Afonso e eu organizamos um plano: que estivéssemos por ordem de sermos presos, nós abandonaríamos o país. Aí tivemos a notícia de que o Benito tinha sido preso em São Paulo, juntamente com a esposa dele. Então nós projetamos a nossa fuga para uma semana depois. Quando faltava um dia para a gente viajar, eu chamei o Geraldo e falei que eu não iria viajar mais, que eu não iria. Ele disse: você está maluco, você vai ser preso e morto aqui. Essa era a consciência que eu tinha. Eu não achava, com toda certeza, que eu representasse ameaça para coisa alguma. E ainda hoje eu penso que o que fizeram não tem muito sentido; pode ter sentido para as teorias da direita, enfim. Eu não acreditava nisso, pensei que as coisas aconteceriam como aconteceram antes do AI5. Porque o AI5 aconteceu no fim de 68; então, durante o ano de 1968, aconteceram muitas prisões aqui em Goiás de estudantes da UGES que foram presos um dia e 2 horas depois passava alguém lá e eram soltos. Eu estava vivendo esse ideal romântico, eu não esperava, e acho que muitos de nós não sabíamos o que esperava a gente. Não sabíamos, não tínhamos essa noção. Éramos talvez muito ingênuos; nem a vida preparou a gente, nem o partido. O partido tinha diretrizes a serem seguidas. Mas não se esperava, não entrava.

O que aconteceu, eu disse: não vou não. Ele disse: nós estamos com um grande problema, primeiro eles vão pegar você e vão matar, mas antes de matar vão lhe torturar. Você vai dizer a parte do caminho que você sabe, e eu e a Kênia vamos levar 28 dias para estarmos em segurança. Eu falei: eu não consigo, não acredito que vá acontecer, nem consigo deixar minha família, não dou conta disso; eu pensei e repensei e não viajo mais. Ele disse: Bom, então eu tenho que tomar minha direção; e foi embora. Dois dias depois eu fui preso, chegando do Adalto Botelho em casa. Na hora que a Polícia Federal me abordou, sei lá quem foi, eram três elementos armados, na porta de casa na Avenida Araguaia, me veio à mente a fala do Geraldo: eles vão me torturar e me matar. Foi uma coisa de momento. Eu falei, se eu vou morrer sob tortura é melhor morrer aqui; não me entrego. Dei dois murros em um dos policiais, e ele caiu. O terceiro subiu a escada do prédio e apontou a arma para mim, e eu disse você pode atirar que eu não vou não. E o sujeito que levou os murros encostou-se a uma parede, e o terceiro encostou-se a mim, e eu bati nele também. Eram pessoas menores do que eu. O que ficou armado não se animou a atirar, ele ficou mirando no meu peito, e foi juntando gente; eu acho que ele perdeu, ele não tinha mais condições de atirar. E juntou muita gente lá. Essa era uma das diretrizes que o partido propunha que a gente fizesse em caso de prisão. Só que no meu caso não era resistência, eu estava desarmado. Foi uma tentativa de suicídio para não passar pela tortura. Fui salvo da tortura em seguida, quando já estava dentro da base, pela morte do Ismael. Se o Ismael não morre, eu não sei o que teria acontecido. Mas a morte do Ismael os fez recuar do tipo de coisas que eles estavam fazendo. Então, o que aconteceu: Eu descii primeiro para sede da Polícia Civil - lá eles se livraram de uma pessoa, que era o meu vizinho, a quem eu devo muito, que entreviu na hora e perguntou para o pessoal que estava me prendendo se eles aceitavam que ele me acompanhasse; eles aceitaram, e eu achei que teria um pouco mais de segurança. Quando chegou à porta da Polícia, eles o puseram para fora do carro, quase a pontapé, e me levaram não sei para onde. Só fui descobrir depois que eu estava

no 42º BIM, e provavelmente foi para lá, pois me colocaram uma fronha na cabeça e giraram nesse carro a partir da porta da Polícia Civil. Aí eu já estava sozinho com eles, e eles me ameaçavam o tempo todo.

Eu não posso dizer que tenha sido fisicamente torturado, exceto os pontapés, os murros e algumas batidas da cabeça na parede; além disso, não foram. Isso na primeira vez, dois ou três de julho. Fiquei lá no 42º BIM, sob esse esquema horroroso, não me deixavam dormir; eu fiquei dormindo em um banheiro, enfim, eu não tenho mais estômago para ficar descrevendo isso não. Depois de uns 40 dias, fui transferido para o PIC em Brasília. Só que chegando no PIC eu tive uma proteção, havia um coronel do Conselho de Segurança Nacional que era amigo do meu pai da FAB. Esse camarada conseguiu que eu ficasse na Aeronáutica ao invés do PIC. Passei duas semanas na Aeronáutica. É claro que eu não fui bem tratado, mas eu suponho que tenha sido muito melhor tratado do que se eu estivesse... Eles me deixaram nu em uma cela que tinha uma cama de cimento, não tinha nada para cobrir; depois de muito tempo me deram roupas e eu fiquei lá; davam-me comida duas vezes por dia. Mas lá, exceto algumas ameaças do sujeito que vinha do PIC para me ameaçar, não aconteceu nada. Eu devo ter passado umas duas, três semanas lá - suponho que esta tenha sido a fase pior. Em seguida fui para o PIC, de onde saí em novembro.

## **O DECRETO 477**

O Decreto 477 era um meio de excluir da universidade pessoas que tinham participação ativa na luta contra a ditadura. Basicamente era isso. Eles achavam que essas pessoas representavam risco para universidade em termos de formar consciência, de promover greves e movimentos sociais. Então, eles arrumaram uma maneira de excluir essas pessoas. Se elas não tivessem ligação com qualquer partido que tivesse na clandestinidade, isso era o bastante para elas não poderem concluir o curso.

O Jarbas Passarinho veio aqui e perdoou o 477. Faltava um mês para eu me formar, ele veio aqui em Goiânia e entregou a anistia para o 477. Eu fiquei mais um mês estudando e em março de 1973 eu peguei o diploma; quando foi em julho, voltei para o CEPAIGO. Aí fiquei três ou quatro meses no CEPAIGO. No ano seguinte saiu a condenação de dois anos pela atividade no Partido Comunista. Fui para o CEPAIGO, cumpri a pena, isso em 75, e saí de lá em março de 1976.

## **REPRESÁLIAS**

Quando eu me apresentei para o Serviço Militar, eu consegui um adiamento de corporação. É interessante para as Forças Armadas que o estudante de Medicina não entre como recruta, que ele faça o curso e entre como médico - entra como tenente. Eu já tinha feito a opção pela FAB e terminei o curso; quando eu consegui pegar o diploma e fui me apresentar, em 1973, imediatamente fui encaminhado. Mas eu não podia por que tinha que levar um atestado de ideologia política e eu não tinha esse atestado. Eu pedi esse atestado e não consegui. Quem comandava o DOPS aqui era um sujeito chamado major Rios, um sujeito que dava medo só

de chegar perto dele. Eu me lembro de que era um sujeito muito frio. Eu fui acompanhado de um primo que na época era delegado, o Abdul Sebba; ele foi comigo até o major Rios, e eu devo isso a ele pela coragem que ele teve de pedir o atestado. Ele negou minha petição. Disse: ele não tem direito, e é melhor você não se envolver nisso mais. Saímos de lá. Mas eu tinha um amigo que era fotógrafo da Polícia Técnica, ele trabalhava lá. Esse amigo meu entrou à noite na sala desse major Rios e conseguiu pegar um atestado assinado, preencheu com o meu nome e me entregou o atestado; eu o apresentei em Brasília e foi aceito. Dois ou três dias depois, eu mal dormi em Brasília, no alojamento da FAB, me aparece lá três sujeitos grandalhões, me pegam pelo braço e dizem: Some daqui. Você está expulso. Algum tempo depois eu consegui pegar um certificado deles - um certificado de engajamento, de participação, não me lembro mais como é que se chama isso - onde eles tinham escrito que eu tinha sido expulso por incapacidade moral, por incorrer no artigo não sei das quantas. Eu não tenho esse documento, porque quando eu fui requerer o Certificado de Reservista eles me tomaram isso e não quiseram me devolver de jeito algum. E eu, como sou muito besta, não tinha feito uma xerox. Eles me entregaram um documento dizendo que eu tinha sido excluído por excesso de contingente. Eu tinha sido incorporado como segundo tenente, ou primeiro, eu não me lembro mais qual a graduação.

Ei perdi o emprego para a prisão. A coisa é tão interessante que recentemente quando eu fui procurar os apontamentos disso aí, porque eu precisava como documento, a Secretaria de Saúde não tem, desapareceu com os apontamentos do concurso que houve na época.

Eles me prenderam, e não foi só isso; eu formei e não tive condições de trabalhar, ninguém me aceitava para trabalhar aqui em Goiânia, mesmo parentes corriam de mim. Isso já em 1973 74. Não tinha meio de conseguir emprego. Eu queria fazer psiquiatria, mas não tinha jeito de ficar em Goiânia; como é que eu ia fazer psiquiatria no interior? Eu tinha uma formação clínica razoável, então, fui para o interior. Entrei para dar plantão no corpo de psiquiatria de Anápolis aos domingos e consegui trabalhar em finais de semana. Eu montei um consultório para atendimento em Inhumas, outro em Cromínia, outro em Maripotaba, outro em Hidrolândia. Eu passava três dias da semana em Cromínia, porque dava um pouco mais de movimento; um dia em Inhumas, meio dia em Maripotaba, outro em Hidrolândia e domingo eu dava plantão. Iran Costa Junior entrou na prefeitura de Anápolis, e uma semana depois eu estava demitido. Entrei no emprego da Perícia aqui, passou duas semanas fui demitido pela mesma pessoa que tinha me colocado lá. Ela não me chamou em segredo não, com mais dois ou três colegas veio me dizer que eu não podia mais trabalhar lá. A pessoa disse: Recebi uma orientação de Brasília dizendo que você não pode trabalhar aqui; ou você sai ou eu saio. Eu falei: claro!

No interior foi um desastre. Como eu não podia trabalhar aqui, montei com dificuldade um laboratório pequeno para análise de fezes, urina e sangue. Comprei maca, estufas essas coisas. Na minha primeira prisão, que eu passei três meses, a minha mulher que era médica (na época não era casada comigo ainda, era noiva) foi lá atender para mim. E atendeu durante esses três meses, foi um período pequeno. Mas na segunda vez, passei oito meses presos, quer dizer, não tinha jeito. Quando eu voltei à cidade o povo olhava para mim (todo mundo ficou sabendo), era como se eu tivesse alguma doença grave, não pude mais continuar na cidade. Eu fiquei tão constrangido que eu passei meses sem voltar, quando eu voltei lá tinha sumido tudo, todo meu equipamento; ninguém sabia o que tinha acontecido. Fiz um convênio com a prefeitura de Cromínia de maneira tal que eu tinha um número "x" de pacientes sem cobrar e fazia exames de sangue, fezes e urina; em troca a prefeitura me cedia o posto de saúde para

atender e ganhar como consultório particular, havia esse convênio. Quer dizer, nem a própria prefeitura sabia o que fizeram com esses equipamentos que eram meus. Desapareceram.

Eu tinha um professor com quem eu me dava muito bem, era um psiquiatra, e surgiu uma vaga de plantonista na Clínica Santa Mônica, na psiquiatria. Foi para fazer Psiquiatria que eu entrei na faculdade. Então ele me aceitou lá, em maio de 76. Menos de seis meses depois, o dono da clínica me chamou e disse: olha o INAMPS disse que enquanto você trabalhar aqui eles não pagam os rendimentos a que nós temos direito. E sem isso a clínica não sobrevive. Eu falei, por essa porta eu entrei por essa porta vou sair. Ele falou: espera um pouco, para mim é muito difícil; você está se dando muito bem nisso aqui. Eu já conversei com o Vacilo, vamos tentar; eu conheço algumas pessoas. E aí ele conseguiu de alguma maneira, conversando com uma pessoa de grande influência, me manter. Na verdade, naquela época era INPS, não era INAMPS. O INPS voltou a pagar a clínica e eu pude permanecer, mas sob um certo cuidado. Mas aí o tempo foi passando, vieram a anistia, as diretas, o país se abriu, acabou.

## **ANISTIA**

Depois de tanta dificuldade eu não participei mais da movimentação, eu diria que fiquei resistindo em silêncio; obviamente eu não mudei a minha forma de pensar. Talvez não fizesse as coisas da mesma forma que fiz. Você vai amadurecendo e vendo os erros que cometeu aqui, ali. Mas eu não tive mais essa participação. De 1980 a 85 eu não me senti perseguido dessa mesma forma, pelo menos explicitamente não. Por que, o que eu fazia? Eu trabalhava em uma clínica, eu atendia os pacientes do SUS e tinha na mesma clínica um consultório. Minha vida foi essa.

Eu comecei a dar aulas na faculdade justamente em 85, como professor convidado. E assim mesmo porque o Vacilo que era professor da faculdade, também me levou para lá. Foi uma espécie de proteção. Em 1989 houve um concurso e eu passei.

Então, nessa fase de 85, eu acho que já não havia mais essa perseguição... O que você nota é hoje. Hoje esses grupos de direita ainda estão se mobilizando com relação àqueles que participaram. Acho que ainda tem agrupamentos aí, embora mais isolados por estar difícil a aceitação. Hoje eu sinto que eles existem.

## **AS MARCAS**

Eram pessoas marcadas, foram pessoas que se envolveram em dificuldades psicológicas a longo prazo, ou pessoas que tiveram doenças mentais desencadeadas pela agressão que sofreram. Existem em princípio dois tipos de situações, uma delas chamada de transtorno de estresse pós-traumático. Não precisa passar por aquilo que nós passamos não. Hoje tem pessoas, por exemplo, as mulheres que são vítimas de estupro; ou funcionários de bancos que ficam sob mira de revólver de assaltantes, às vezes por horas, essas pessoas começam, a partir daquela experiência, a viver com medo permanentemente. Ele está trabalhando, ele se sente



altamente desconfortável porque todo estranho que entra no banco ele começa a tentar perceber se não vai acontecer a mesma coisa. Ele às vezes desperta de um sono no meio da noite revivenciando a situação, trêmulo, coração disparado, coberto de suor. O funcionamento pessoal dele acaba sendo limitado por isso. Isso é um transtorno de estresse. E têm companheiros nossos que desenvolveram isso. Por outro lado, existe fragilização da estrutura pessoal, emocional, que acontece quando um processo vai, não é um estresse agudo, mas um processo a longo prazo; uma repetição de situações de agressão que pode levar o sujeito a hipertrofiar certos aspectos da personalidade dele, preexistentes, mas que se hipertrofiam e que irão trazer prejuízos a ele: a desconfiança, o medo, o receio do que vai acontecer. Ele que tinha um certo grau de ousadia perde aquela capacidade porque emocionalmente, não é uma coisa intelectual, ele pode inclusive intelectualmente perceber ele que poderia fazer aquilo, mas há um sentimento que o prende, que o impede de externar espontaneamente atitude. Então, são prejuízos a longo prazo que podem acontecer de situações como essa. A chamada antiga neurose de guerra, o que era? Pessoas passando por situações de ameaça à própria vida, que nós passamos o tempo todo; o João se lembra disso: aquele tempo que nós passamos no CEPAIGO, nós não tínhamos nenhuma proteção, nós sabíamos que a qualquer momento os torturadores poderiam aniquilar com a gente. Depois ficou claro que havia um movimento subterrâneo nas Forças Armadas, do grupo do Sílvio Frota, que pensava realmente ser exterminador. Nós vivemos um tempo em Brasília que nem se fala; o tempo todo sabendo que nós não tínhamos proteção alguma. Quer dizer, vivemos todo tempo com isso. Vai dizer que isso não trouxe algum tipo de alteração na gente? Pode não ter trazido ao ponto de caber um diagnóstico psiquiátrico claro, mas é claro que alterações subclínicas nós temos e ficamos marcados.